

LITERATURA ENTRANHADA DE MULHERES NEGRAS (DES)ENRAIZADAS ENTRENCH LITERATURE OF ROOTED BLACK WOMAN

Recebido: 06/07/2022

Aprovado: 30/07/2022

Publicado: 13/10/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i3.2998

Raffaella Andrea Fernandez¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4459-5977>

Resumo: Esse texto pensa o encontro literário entre Françoise Ega (1920 - 1976) e Carolina Maria de Jesus (1914/1919/1921-1977). Ambas escritoras negras que encontraram na literatura um espaço para imaginar, curar, transmutar e tecer percursos possíveis em seus processos diaspóricos. Seja a martinicana Françoise Ega escrevendo em Marseille, seja a mineira Carolina de Jesus situada em São Paulo, em seus respectivos espaços distantes de onde viveram até a adolescência, formularam e nutriram seus textos- raízes não apenas como um retorno as suas origens, mas também como fomento e recomposição de novos enraizamentos. Françoise Ega, expande e entranha suas palavras-linhas até o Brasil reconhecendo em Carolina de Jesus um espelho de onde brota memórias em suas missivas, jamais lidas pela autora brasileira, mas que, no entanto, encontrou na atual recepção a constatação de que persistem as “misérias dos pobres do mundo inteiro (que) se parecem como irmãs”.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Françoise Ega; Literatura negra; Diáspora; Missiva;

Abstract: This text reflects on the literary encounter between Françoise Ega (1920 - 1976) and Carolina Maria de Jesus (1914/1919/1921-1977). Both black writers who found in literature a space to imagine, heal, transmute and weave possible paths in their diasporic processes. Whether the Martinican Françoise Ega writing in Marseille, or the mineira Carolina de Jesus located in São Paulo, in their respective spaces far from where they lived until adolescence, they formulated and nourished their root texts not only as a return to their origins, but also as a promotion and recomposition of new roots. Françoise Ega, expands and penetrates her words-lines to Brazil, recognizing in Carolina de Jesus a mirror from which memories spring up in her missives, never read by the Brazilian author, but, nevertheless, she found in the current reception the realization that the “misereries of the poor persist” from all over the world (who) look like sisters”.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Françoise Ega; black literature; Diaspora; Letter;

*Pois é, Carolina (...) As misérias dos pobres do mundo
inteiro se parecem como irmãs.
(Françoise Ega)*

¹ Pós-doutora em Estudos Culturais pela UFRJ (2021), autora de A poética de resíduos de Carolina de Jesus, resultado de sua pesquisa de doutorado em Teoria e História da Literatura pela Universidade de Campinas (Unicamp). Organizou os quatro últimos livros de Carolina intitulados onde estaes felicidade? (2014), Meu sonho é escrever (2018), Clíris (2019) e Casa de alvenaria (2021). Atualmente compõe o conselho editorial da Companhia das Letras que está organizando a obra completa de Carolina Maria de Jesus e coordena o Grupo de pesquisa Decoloniais Carolina (CNPq). E-mail: raffaellafernandez@hotmail.com

Eu disse: Meu sonho é escrever. Responde o branco: ela é louca. O que as negras devem fazer... é ir pro tanque lavar roupa.

(Carolina Maria de Jesus)

Como pode um acaso se transformar em um caso? Um caso de literatura, um caso de irmandade negra, um caso de dororidade², um caso de amizade e de escuta num unísono curativo, entranhado e criativo. Ou quem sabe, um ocaso onde o sol nasce no sul do mundo até o norte entrelaçando no seu centro vozes de mulheres negras desde o Brasil até o Caribe, como um abraço transatlântico que faz ecoar vozes e nos mostra que o tempo e o espaço são relativos na materialidade mental e emocional que os livros favorecem. Foi nesse poente de palavras, de dentro de um ônibus que a escritora martinicana Françoise Ega (1920 - 1976), voltando para sua casa, após uma rotina de trabalho semiescravo em casas de família em Marselha na França, conversou pela primeira vez com a escritora mineira, então residente em São Paulo no Brasil, Carolina Maria de Jesus (19³- 1977):

Maio de 1962

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de comprar a revista Paris Match; atualmente, ela fala muito dos negros. Foi assim que conheci a sublime sra. Houphouët com seu vestido de gala. Eu não iria lhe dedicar as minhas palavras, ela não compreenderia. Mas você, Carolina, que procura tábuas para o seu barraco, você, com suas crianças aos berros, está mais perto de mim. Volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam, do jeito como se faz hoje em dia. Elas não têm muitos deveres de casa, seria cansativo demais, mas me contam o enredo, detalhe por detalhe, da última história em quadrinhos que foi lida na escola. Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo,

² A sororidade aplicada entre mulheres negras. Conf. PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2019.

³ A autora afirma em manuscritos não saber sua data de nascimento, pois segundo ela, os negros não eram registrados na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais no Brasil no início do século XX. Cons. FERNANDEZ, Raffaella. *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*, São Paulo: Aética editoria, 2019.

como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados, tudo muda rápido demais ao meu redor. Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e com meus cadernos. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente sua caneta. (EGA, 2021, p.8)

Como vemos, a literatura, ou melhor, os percalços para realizara a literatura, foi o ponto de mediação que tornou esse encontro de via de mão única, multiplicado nos leitores de Carolina de Jesus e Françoise Ega, que através das *Cartas a uma negra*, originalmente *Lettres à Carolina*, pode fundir também relações entre essas duas mulheres como potências radiculares rumo ao grande rizoma do acervo literário latino-americano e caribenho.

Em março de 2021, a editora Todavia lança no Brasil esse livro de Françoise Ega dentre quatro livros da autora já publicados na França. A escritora que trabalhava em casas de família em Marselha, tinha na escrita e na leitura o lugar de refúgio, prazer e resistência, assim como a leitura da revista Paris Match, na qual pode conhecer a escritora Carolina de Jesus a partir da divulgação de seu famigerado *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, que seria publicado no ano de 1962 como *Le dépotoir* em Paris. A caribenha se identificou imediatamente com a escritora brasileira, sobretudo, pelo desejo de escrita e a relação de ambas com a literatura, e uma vida marcada pelas consequências de corpos atravessados por trânsitos e violências da diáspora.

Assim como a mãe de Conceição Evaristo passa a escrever um diário o arrebatamento de leitora do diário de Carolina de Jesus, François Ega, tomada pela vida e obra da escritora brasileira, passou a escrever cartas que, infelizmente, jamais foram entregues à autora brasileira. Nelas, relatava seu cotidiano de trabalho e exploração na França, as dificuldades, a injustiça nas relações sociais, a posição subalternizada a que eram relegadas tantas mulheres como ela, de pele negra e originárias de uma colônia francesa no Caribe. Aos poucos, foi se conscientizando e passou a lutar por seus direitos até seu falecimento em 1976, um ano antes do falecimento de Carolina de Jesus.

No cotejo dessas obras, observa-se que o cotiando de ambas revela no presente um passado de opressão, racismo, humilhação, reconhecimento do poder

da escrita, da falta de tempo para escrever compartilhado, ambas mulheres críticas dos processos de colonização e de suas consequências para população negra, sobretudo, para a mulher negra:

O Dia das Mães é ainda uma festa dos meus filhos! Eles pegaram um dos meus cadernos, agora tenho que copiar de novo todas as folhas. Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo para o alto, dizendo: “De que adianta escrever?”. Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo curvada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo. Eu, que tenho a imensa felicidade de ter um caderno, um abajur e uma música bem baixinha que sai do rádio, acho que seria covardia largar tudo porque uma criança rasgou as folhas do caderno. Só me resta recomeçar. Timidamente, eu disse para quem estava ao meu redor: “Estou escrevendo um livro”. Riram de mim. Repeti o meu leitmotiv a compatriotas que me viam rabiscar quando nos encontrávamos, fosse no ônibus, fosse nos encontros dos grupos comunitários. Aos risos, me disseram: “Cuide das suas crias”. Houve quem, por pena, levasse a mão à testa. Comecei então a escrever às escondidas, o que cheguei a dizer a uma correspondente distante e vivida, num dia em que ainda queria deixar tudo de lado. Hoje de manhã, essa senhora admirável respondeu: “Será um belo livro. Apesar de eu não saber do que trata, desde já sei como a senhora vai escrevê-lo”. Ela não me conhece e confia no meu potencial. É a oportunidade que tenho de avaliar o que posso esboçar, e isso me deixa animada. De uma só vez, escrevi três capítulos do Reino desvanecido, título que surgiu porque alguém tinha confiado em mim, por meio de algumas palavras. (EGA, 2021, p. 10 e p.11)

Escrever é um ato de muito esforço para diversas autoras negras no contexto de suas subalternidades forçadas, mas também é cura, enraíza a memória recalçadas, une as pontas do rizoma na rememoração como saúde gerada pelo pertencimento e pela possibilidade de interpretar seus espaços sociais e a história dos países por onde passaram, do modo como sugere Figueredo,

(...) a reinvenção da história deve, necessariamente, descrever, prescrutar o espaço vivido, porque tanto a história como a geografia foram rasuradas, quando não obliteradas devido às grandes fraturas provocadas pela colonização e pela escravidão, que deixaram profundas marcas na sociedade caribenha (FIGURED, 2011, p.194).

Françoise Ega agencia sua identidade a partir de Carolina de Jesus, articulando uma amizade imaginada e um diálogo fabulado e estabelecido com a escritora brasileira, “Pero qué es la historia de América toda sino una crónica de lo real maravilloso?”, (CARPENTIER, 1984, p.79). Inexoravelmente, a imagem da escritora brasileira proporciona um fecundo discurso, que toca Françoise Ega na luta contra seu difícil cotidiano e tentativa de apagamento imposto a seu ofício literário, o mesmo que reexistiu por meio de estratégias particulares, como vimos acima: “Comecei então a escrever às escondidas”, ou então:

17 de setembro

Enquanto escrevia as últimas frases, Carolina, encostada na máquina de lavar (é preciso encontrar um cantinho tranquilo), meu marido, desanimado, disse que o que eu escrevia seria um fiasco, que não era necessário falar de coisas que não me diziam respeito. Se ninguém não está nem aí para nada, a palavra “egoísmo” faz mais sentido do que nunca. Logo depois, comentou que eu folheio meu dicionário com muita frequência; segundo ele, os romancistas não necessitam de dicionário. Maldosamente, acrescentou: “Sua papelada é um papelão, um mamoeiro macho! Flores ao vento. (EGA, 2021, p. 45)

A fricção desse contato representa um momento de inflexão na tônica da sua criação literária, pois a escritora martinicana lê sua condição de escritora negra e pobre à luz de Carolina de Jesus que registra: “27 juillet 1958: J’ai ccherché un endroit pour écrire tranquille. Mais ici, sans la favela, il y a pas d’endroit de ce genre” (JESUS, 1962, p. 124), assim como os excertos: “Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto” (Jesus, 2014, p. 12), “Esquentei comida, li, despi-me e depois deitei” (Jesus, 2014, p.17), “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler” (Jesus, 2014, p.26), “Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco” (p. 19), “Mas eu já conhecia a peça. Comecei fazer meu diário. De vez em quando parava para repreender os meus filhos” (p. 25), bem como “Enquanto as roupas me coravam sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me: —O que escreve? /projetos de gente humana. (Jesus, 2014, p. 23). Todos esses elementos afetaram Françoise Ega, que passava por percalços para poder ler e escrever conforme *Cartas a uma negra*.

Duas línguas: brotando flores nas folhas

“Pois é! Por que você conta coisas para a Carolina? Ela não fala francês”. Nós não falamos o mesmo idioma, é verdade, mas o do nosso coração é o mesmo, e faz bem se encontrar em algum lugar, naquele lugar onde nossas almas se cruzam.

(Françoise Ega)

As sobrevivências das línguas crioula de Ega e pretuguês⁴ de Carolina de Jesus, em suas formas originais, são sobrepujadas pelos processos de tradução cultural, para além da concepção de uma suposta cultura essencialista originária africana, pois resulta de encontros diaspóricos que foram descolonizando a língua do colonizador português no engendramento de mesclas culturais e linguísticas materializadas nos textos de ambas.

As escritoras releem a África como memória da diáspora, mas também a América e o Caribe dos negros, assim como os negros no contexto europeu e africano, no caso de Françoise Ega, que migrou para França e passou uma temporada curta nos países africanos, Costa do Marfim e Senegal, ao passo em que Carolina de Jesus conheceu o cone sul em suas viagens para a comarca platina: Argentina, o Uruguai e o Chile.

As vivências narradas em suas obras vão desenraizando a África do lugar essencializado ou idealizado, trazendo uma visão sobre esse continente para a condição moderna e diaspórica latino-americana e caribenha, ou como diria Lélia Gonzalez ladino-amefricana¹. Ambas autoras permitem que a crítica à condição colonizada ressoe em seus textos, tornando pronunciável, dizível e nomeada. Do mesmo modo, que elevam suas raízes africanas entranhadas em seus corpos e mentes.

O livro para elas, aparecem como oportunidade de saída do local de silenciamento de suas opressões para servir de suporte, visibilidade e retorno de suas

¹ *América Ladina* é uma categoria político-cultural formulada por Lélia Gonzalez para nomear a singularidade histórica e identitária da América (especialmente do Brasil) marcada pela forte presença africana e pelas formas específicas de colonialidade, racismo e mestiçagem. Ao propor *América Ladina*, ela desloca a leitura eurocêntrica de “América Latina” e enfatiza a centralidade das heranças africanas (biográficas, simbólicas e epistemológicas) na constituição dos povos e culturas da região.

raízes linguísticas e memorialísticas. Para elas, existe um mundo inteiro entre sonho e a realidade, expressa nas máximas de linhagem proverbial pertencente a seus códigos orais resgatados em seus textos, formulando suas literaturas como

⁴ Conceito de Lélia Gonzalez ao analisar as influências das línguas africanas de matiz bantu no português falado e escrito no Brasil. *Conf.* GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988.

mecanismo de saber, ensinamento lapidado e lapidar próprio dos contadores de história africanos.

Outro aspecto que as aproxima é o modo como relacionam natureza com estado poético ligado a um sentimento nostálgico da infância. O sol ou “astro rei” de Carolina de Jesus: “Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar água mamãe!” (JESUS, p.09), um elemento tão caro aos *djélí*², assim como a conexão com o vento de Françoise Ega, que rememora o clima caribenho da Martinica ao sentir na sua pele o vento de Marseille:

O outono deste ano é um dos mais belos que já vi, as folhas desistiram de amarelar; timidamente, como que contrariada, aqui e ali, uma delas se desprende e cai. Dirijo a cinquenta por hora, é uma injeção de ânimo para mim e, se não fosse por prudência, iria muito mais rápido! Esquecer, esquecer, sentir o vento! Chegar em casa livre de todos os ressentimentos, com vontade de rir, e uma história para contar às crianças. (EGA, 2021, p. 50)

Carolina de Jesus e Françoise Ega, realizam na forma/conteúdo de seus textos, o que os escritores de língua castelhana, inclusive no Caribe, definiram como “afrorealismo” (apud FIGUEREDO, 2014), isto é, a ocorrência de uma africanização do idioma como busca de elementos africanos, mitos inéditos ou marginalizados como caminho para reconciliação com a herança africana, mas diferente do negrismo e da negritude, essa transgressão do código vigente se faz através da palavra escrita. Ao estabelecer esse laço com Carolina de Jesus, Françoise Ega mobiliza uma “comunidade ancestral” como um encontro formal de literaturas diaspóricas. Ela se reconhece na vida da autora mineira narrada em *Le depotoir*, mas também com sua biografia.

São muitas as aproximações entre as autoras, ambas possuem intensa linguagem poética em suas escritas biográficas ou ficcionais. As duas ganharam visibilidade tardia através de traduções estrangeiras: Carolina de Jesus na França em 1982 com a publicação de *Journal de Bitita* e Françoise Ega no Brasil com a tradução analisada neste artigo. Outra correspondência se faz pelo fato de que elas reaparecem

² Os *djéli*, também conhecidos como *griôs*, são figuras tradicionais da cultura da África Ocidental responsáveis por preservar e transmitir oralmente a história, as genealogias e os valores de suas comunidades. Eles atuam como guardiões da memória coletiva, narradores, músicos e conselheiros, desempenhando papel fundamental na conservação das tradições e na formação da identidade cultural africana. Sua prática é baseada na oralidade, sendo considerada uma das principais formas de registro histórico e educativo antes da colonização europeia e da escrita formal.

na cena literária por intermédio de pesquisas acadêmicas com auxílio de seus filhos vivos, tendo em vista o descaso das instituições com os manuscritos e epstemicídios dessas autorias.

O arquipélago-galhos margens

A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. (...) Sua geografia deve ser uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência.

(SANTIANO, 2000. p. 16)

A esta literatura oral e popular se opõe uma outra, elitista e escrita.

(GLISSANT, 1989, p.164)

Tanto Françoise Ega, quanto Carolina de Jesus evidenciam que a descontinuidade do presente, passado e futuro não parte de um avanço contínuo e cronológico, assim como o espaço para essas mulheres é estreito e as palavras possibilitam o encontro delas. Como vimos, Françoise Ega busca entender e expor as complexidades da realidade, agora desenredada, relacional e transversal do modo como Glissant (2002) propunha em sua poética da relação apontando para um futuro crítico e condutor de mudanças desde um pensamento arquipélago. O pensamento arquipélago, proposto pelo filósofo e poeta martinicano Édouard Glissant, representa uma visão do mundo baseada na diversidade, na relação e na coexistência de diferenças sem hierarquias. Em oposição ao “pensamento continente”, que busca unidade, centralização e identidade fixa, o pensamento arquipélago valoriza a multiplicidade, o movimento e o encontro entre culturas. Inspirado pela geografia do Caribe, formado por ilhas interligadas, mas autônomas, o autor utiliza a metáfora do arquipélago para expressar uma filosofia da relação, em que as identidades são dinâmicas, criadas no diálogo e no contato, e não em fronteiras rígidas.

Nesse sentido, podemos pensar as literaturas afrodiáspóricas de Françoise Ega e Carolina de Jesus como são duas ilhas irmãs, companheiras que constroem suas contrapoéticas, cacofonias em oposição à eufonias da língua dos colonizador em busca da reconstituição de suas identidades negras em diáspóricas. Nas incidências

das rasuras de suas línguas elas subvertem a narrativa, gerando alternativas nas fissuras da colonialidade francesa e brasileira, a partir da mescla entre oralidade e registo escrito, que historicamente tentou afastar os diferentes povos africanos na América Latina e do Caribe, entretanto, as autoras tranforma o fazer literário ao “(...)Pasar de oral a lo escrito es inmovilizar el cuerpo sometero (porseerlo). Un se desposeído de su cuerpo no puede alcanzar lo inmóvel donde samontona lo esrito. Ren ese universo mudo, la voz y el cuerpo son la continuación de una carência” (GLISSANT, 2002, p. 225-226).

As autoras utilizam a imagem e a poesia para interpretar a histórias narradoras da diáspora, ao modo de Lezama Lima em *Mitos e cansaço do clássico*, ao dizer:

Recordar é um fato do espírito, mas a memória é um plasma da alma, é sempre criadora, espermática, pois memorizamos a partir da raiz da espécie. Mesmo na planta existe a memória que a levará a adquirir a plenitude da sua forma, pois a flor é a filha da memória criadora (LEZAMA LIMA, 1952, p. 59).

Portanto, como demonstrado acima, consoante à isto, Carolina de Jesus foi a flor brotada no trânsito entre casa e trabalho no percurso de Ega, caminho de vida, mas sobretudo, de escrita. Ega encontra na imagem do corpo escrito de Carolina de Jesus a sua poesia, a sua crítica o seu ato criativo impulsionado por essa fora carolinenana, que também estava nela.

O poder da literatura e da imagem, que através dela, constrói realidade, gera fatos e acontecimentos, como sugeriu, Otávio Paz em *O arco e a lira*, em que ele vê a poesia em tudo, assim como Lezama Lima vê a imagem como fundante da realidade mediante o uso da linguagem que materializa linguagens. Para Paz (1984), o sentido da imagem é a própria imagem, pois ele não dizer com a mesma intensidade: "A imagem explica-se a si mesma." (PAZ, 1984, p.14). Nada pode dizer o que a imagem pode dizer. Imagem e sentido possuem a mesma substância na imagem. E segue, "o poeta não quer dizer: diz." (PAZ, 1984, p. 15). A imagem não é meio, como são as frases, ela é sentido. Nela se encerra e nela começa, como no rizoma imagético gerado entre os significantes de Carolina de Jesus acolhidos por Ega.

Duas (des)colonizações: portuguesa e francesa

Para que haja relação é preciso que haja duas ou várias identidades ou entidades donas de si e que aceitem transformar-se ao permutar com o outro.

(Glissant, 2005, p. 52)

(...) os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não

frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia.

(ANZALDÚA, 2000, p. 229)

A partir da concepção de Stuart Hall (2008) em sua análise sobre a identidade cultural e sua concepção de diáspora como uma “estética diaspórica” dentro e uma armação de configuração sincretizada de significados posicionais, enquanto fomentadores de relações entre culturas imputadas. Temos aqui um primeiro elemento que une o diálogo literário entre as autoras, de modo que a diferença se apresenta não como concepção binária, mas como capacidade de reencontra-se no diverso e na opacidade não como nulidade, mas como soma, advinda de conflitos gerados nos constructos culturais híbridos das américas.

Nesse sentido diáspora aqui é compreendida como um conceito aberto e mobilizador de encontros culturais entre o diverso, capaz de reconhecer pontos de conexão para além de territórios físicos. O que também reforça o dado relacional de Glissant (2002), que trata da experiência de espoliação sobre o corpo negro que reforça a compreensão da necessidade de aniquilação de toda forma de poder e hierarquização sobre a comunidade negra em seu caráter globalizante de um processo de “reciprocidade sem começo”, conforme compreende Hall (2008).

Nesse sentido, também evocamos *O Atlântico Negro* Paul Gilroy no qual o autor nos trará o questionamento da inaplicabilidade do conceito de nação nas Américas, uma vez que a constituição desses estado-nação se fazem na trama de relações transnacionais, cuja conformação híbrida cultura é identificada no Atlântico negro. Aquela que é simultaneamente africana, caribenha, americana, europeia, ou seja, que não pode ser limitada ou definida a partir das categorias tradicionais de nação e estado nacional no molde europeu. Assim, o autor (2001) evidencia o quão ricas podem ser as articulações culturais estabelecidas em contextos diaspóricos, considerando a noção de cultura, que valoriza o fluxo, consequente, nos processos de escravização dos territórios colonizados, com na experiência de Françoise Ega e Carolina de Jesus.

Na esteira de Gilroy (2001), podemos inferir que Françoise Ega utiliza sua diáspora, não a partir de sua carga traumática ou como uma forma catastrófica de deslocamento, mas como adubo para

sua criação que irá frutificar e florescer do outro lado do atlântico, vivificando suas literaturas e a de sua irmã brasileira.

E ainda, em sintonia com Hall (2009), ao refletir sobre os movimentos diaspóricos protagonizados pelos povos caribenhos desde sempre, Françoise Ega faz eco ao estudo do deslocamento/desplazamento como elemento fundamental para se “lançar luz sobre as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a nação e a identidade caribenhas, numa era de globalização constante” (p. 25-26), do modo como ela concebe sua identidade hermanada com a da escritora brasileira, para além de território ou égides culturais estanques.

Os processos de migração de Carolina de Jesus e imigração de Françoise Ega, trazem efetivamente, novos temas a serem representados nas obras literárias, mas sobretudo, novas formas de ser/estar no mundo. E, talvez esse seja um dos grandes ensinamentos que essas obras literárias podem nos legar como práxis social almejada desde os escritores das vanguardas latino-americanas é a proposta de um território indo-americano de Carlos Mariátegui, por exemplo, moldado pelas autoras como território amefricano na conjunção criadora Françoise Ega-Carolina de Jesus.

Referências bibliográficas:

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan.

2000. ISSN 1806-9584. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 01 set. 2017.

BERNABÉ, Jean; Patrick Chamoiseau y Raphaël Confiant: “Prólogo” y “Hacia una visión interior y la aceptación de sí mismo”, Fondo Editorial Casa de las Américas, La Habana, 2013, pp. 24-41.

BENÍTEZ Rojo, Antonio: “Introducción: la isla que se repite”, La isla que se repite, Editorial UH, La Habana, 2019, pp. 35-65.

CARPENTIER, Alejo. *Ensayos*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1984.

CARPENTIER, Alejo: “La cultura de los pueblos que habitan el mar Caribe”, *Crónicas caribeñas*, selección y prólogo de Emilio Jorge Rodríguez, Biblioteca Alejo.

- DEPESTRE, René: “Buenos días y adiós a la negritud”, Buenos días y adiós a la negritud, Fondo Editorial Casa de las Américas, La Habana, pp. 62-115.
- EGA, Françoise. *Lettres à une noire* – récit antillais. Paris: Éditions Harmattan, 1978.
- EGA, Françoise. *Cartas a uma negra: narerativa antilhiana*. São Paulo: Todavia, 2021.
- FIGUEREDO, E. O Grande Caribe: mestiçagem e barroco, memória e história. In: REIS, Livia; FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro, Santiago do Chile: 7 letras, Editorial USACH, 2011, v., p. 179-196.
- GLISSANT, Édouard. *Poética de la relación*. Beral: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.
- GLISSANT, Édouard. El discurso antillano. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2002.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2005.
- GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167–212.
- JESUS, Carolina Maria de. *Le dépotoir*. Paris: Stock, 1962. Traduction française par Violante do Canto.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. *Journal de Bitita*. Paris: A.M. Métailié, 1982.
- LEZAMA LIMA, José. *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- RAMA, Ángel: “Literatura y cultura”, Transculturación narrativa en América Latina, Ediciones El Andariego, Buenos Aires, 2018, pp. 15-67.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

